

GRAMATICALIZAÇÃO DE CONJUNÇÕES: DA SINTAXE AO DISCURSO

Felipe de Andrade Constancio (UERJ)
felipe.lettras.ac@gmail.com

RESUMO

A conexão de orações é mais uma vez revisitada neste trabalho, na medida em que interessa à perspectiva funcionalista. Sob essa ótica, os conectores, especificamente as conjunções subordinativas, resultam de processos complexos de variação e de mudança, os quais são denominados gramaticalizações. As conjunções subordinativas adverbiais, pelo fato de “emoldurarem” construções passíveis de deslocamento sintático e pelo fato de portarem conteúdos semânticos variados, tornam-se objeto de investigação neste trabalho, uma vez que configuram um território prototípico e fecundo para as gramaticalizações. Temos investido num estudo das conjunções adverbiais em plena manifestação e textualização das campanhas publicitárias e das propagandas, e os resultados observados revelam: i) a aquisição de valores semânticos por intermédio da reconfiguração sintática; ii) a mobilização de conteúdos discursivos intencionais pela via da conexão oracional.

Palavras-chave:

Conjunção. Gramaticalização. Funcionalismo.

1. *Considerações iniciais*

O estudo do período composto e, mais especificamente, o estudo da articulação das orações do período composto podem ser abordados sob duas óticas, a saber: a ótica formal e a ótica funcional. Neste trabalho, daremos enfoque maior a esses estudos pela via do funcionalismo.

Geralmente, o formalismo, materializado nas gramáticas de cunho tradicional, lança um olhar sobre o período composto de modo a desmembrá-lo no estudo das orações coordenadas e das orações subordinadas. Trata-se, grosso modo, de um viés que privilegia a demarcação de orações e a sua consequente classificação a partir do conector que ora se evidencia ora é apagado.

Há que se registrar que, nos estudos de enviesamento tradicional, raramente existem considerações acerca da natureza sintático-semântico-pragmática dos conectores que operam o processo de conexão/articulação de orações tanto no período composto por coordenação como no composto por subordinação. Os conectores (geralmente conjunções e locu-

ções conjuntivas) parecem servir apenas à função de designar as orações que encabeçam.

Pela via dos estudos funcionalistas, a conexão de orações é vista como um processo mais amplo, na medida em que coordenação e subordinação são abordadas por intermédio dos fenômenos pragmáticos (aqueles que apontam diretrizes nos usos dessas orações em registros variados).

Nos estudos funcionalistas são considerados, por exemplo: a) a escolha do conector pelo usuário da língua; b) o arranjo sintático das orações tanto na fala como na escrita; c) as possíveis intenções ora na escolha de uma oração coordenada ora na escolha de uma oração subordinada.

Este trabalho pauta-se pela vertente funcionalista e está assim organizado: num primeiro momento, pontuam-se uma conceituação e uma delimitação acerca do fenômeno da gramaticalização. Esse, portanto, é um fenômeno que interessa ao funcionalismo pelo fato de ser proveniente de fatores de variação e de mudanças, que atravessam a vertente funcional. A gramaticalização é vista aqui como um fenômeno em que unidades do léxico tendem a “migrar” para unidades da gramática e, em casos mais específicos, tornarem-se mais gramaticais ainda.

Basicamente, os processos de gramaticalização são uma grande oportunidade para se observar a fluidez de categorias gramaticais, haja vista a possibilidade de uma classe passar a exercer as mesmas peculiaridades morfossintáticas de outra classe gramatical. Estudos funcionalistas recentes têm demonstrado que a transferência de uma classe gramatical para outra revela processos cognitivos complexos pouco perceptíveis ao usuário da língua, mas potencialmente complexos pelos resultados que produzem textualmente.

Numa segunda parte, abordaremos especificamente o potencial da gramaticalização das conjunções subordinativas. Estudos funcionalistas também revelam a produtividade do fenômeno da gramaticalização entre conjunções e locuções conjuntivas cujo papel é a conexão sintático-semântica de orações no interior do período composto. Em alguns casos, demonstram-se formas que estão no *continuum* gramatical, o que significa dizer que se tornam, gradativamente, mais gramaticais porque assumem mais valores semânticos na articulação de orações (veja-se o caso do conector “como”).

Para efeito de investigação, serão observadas as peculiaridades das conjunções/locuções conjuntivas que integram orações subordinadas adverbiais no interior do período composto. Esses conectores, antes de serem tratados de modo menos exaustivo aqui, passam por processos de gramaticalização que encaminham os seguintes traços prototípicos, a saber: a) encabeçam orações que podem ocupar diferentes posições sintáticas no período; b) podem ser pareados (substituídos) por outros conectores cujas características morfossintáticas são equivalentes.

Por fim, utiliza-se um *corpus* mínimo – cinco textos de campanhas publicitárias – nos quais são analisados os processos de gramaticalização de conjunções adverbiais. De modo geral, a escolha do gênero de domínio publicitário não é gratuidade, uma vez que oferece material, em tempo real de uso, acerca do comportamento desse tipo de conector seja para compreensão de fatores intencionais de uso do discurso seja como fonte produtividade de expressividade linguístico-ideológica.

Em linhas gerais, um trabalho desta natureza – em que se aliam fatores de ordem sintática (conexão de orações adverbiais) e fatores de ordem pragmática (interferência expressiva no uso de certas estruturas subordinadas) – aponta novos rumos para uma abordagem mais efetiva do período composto por subordinação e, conseqüentemente, revisita de modo mais efetivo (também para o ensino) o complexo processo de conexão de orações.

2. Conceituação e delimitação dos processos de gramaticalização

As conceituações, em torno do processo da gramaticalização, situam-se, conforme Lopes (2018, p. 17), em planos ora diacrônicos ora sincrônicos:

Antoine Meillet foi o primeiro linguista a estudar o processo da gramaticalização, situando-o no plano diacrônico. Ele propõe inicialmente a existência de três classes de palavras, *as palavras principais, as palavras acessórias e as palavras gramaticais*, indicando que entre elas há uma transição gradual. A esse processo de transição ele chamou *gramaticalização*, entendida como a “*atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo*”. (MEILLET, 1912, p. 131) (grifos da autora)

A grande contribuição que a teoria geral da gramaticalização traz à cena linguística é a capacidade de pontuar dois processos distintos, a saber: lexicalização e gramaticalização. Por essa teoria, entende-se que existem unidades do léxico e unidades da gramática, ou seja, unidades

por meio das quais novas palavras são criadas no interior da língua e unidades que revelam a própria estruturação particular de cada língua.

Como unidades do léxico, podemos situar a participação, por exemplo, dos substantivos e dos verbos como itens lexicais preponderantes ao influxo de novas palavras no português. Essas unidades são conhecidas como palavras de classe aberta nas teorias linguísticas correntes, uma vez que renovam continuamente o inventário de palavras (veja-se, por exemplo, a criação neológica de “panelaço”, “cuspidação”, “segundou”, “sextou” etc.).

Já as unidades da gramática (artigo, preposição, conjunção, pronome), concebidas como unidades de classe fechada, têm o seu repositório escassamente mobilizado, já que o seu papel no sistema não atende ao influxo de novas unidades lexicais, mas atende ao parâmetro de estruturação gramatical (veja-se o papel dos conectores como articuladores de orações, por exemplo).

O interesse do funcionalismo e dos funcionalistas, portanto, é observar pontos de interseção da mudança de itens lexicais que migram para categorias de itens gramaticais ou, até mesmo, a observação de itens gramaticais que se tornam mais gramaticais. Observe-se, a título de exemplificação, as duas sentenças abaixo:

(1) Esse tipo de carro está fora de moda.

(2) Ele fala tipo uma maritaca.

Note-se que a palavra “tipo” em (1) e (2) assume traços morfosintáticos distintos, o que a faz representar uma unidade do léxico em (1) – trata-se de um substantivo prototípico – e uma unidade da gramática em (2) – trata-se de uma conjunção gramaticalizada. Processos de gramaticalização, como o de (2), interessam aos linguistas funcionalistas, pelo fato de basicamente renovarem a estruturação da língua por meio da transição de classes gramaticais e, ao mesmo tempo, pelo fato de serem potencialmente um fator de economia gramatical (utiliza-se do léxico um item que pode estruturar a língua).

Cezário (2013) situa os estudos em torno de gramaticalização na perspectiva funcionalista brasileira por meio das seguintes justificativas:

O paradigma da gramaticalização se fortaleceu, guardando os princípios funcionalistas e contrapondo-se aos princípios formalistas, visto que: (a) legitimou a análise diacrônica como base para a análise sincrônica; (b) validou o princípio de iconicidade ao revelar que a mudança ocorre

a partir de transferências de domínios (processos metafóricos e metonímicos), não sendo, portanto, a relação entre forma e conteúdo totalmente arbitrária; e (c) corrobora a ideia de que a inferência contextual pode influenciar o significado das formas linguísticas. (CEZÁRIO, 2013, p. 46)

Ainda de acordo com Cezário (2015, p. 41), o processo de gramaticalização pode ser comparado ao processo de “discursivização”, já que “esses processos manifestam o aspecto não estático da gramática”. Embora categorias gramaticais sejam escassamente renovadas no sistema gramatical do português, há que se destacar, pela ótica funcionalista, que essas categorias são habilitadas por intermédio do discurso a operar o influxo na estrutura codificada do sistema.

Como não é do nosso interesse esgotar o assunto em xeque, pontua-se a seguir no Quadro 1 a produtividade da migração de categorias lexicais a categorias de base essencialmente gramatical. O Quadro 1 é organizado em três colunas: na primeira consta um possível registro no português, na segunda consta a base lexical da palavra que figura no registro e, finalmente, na terceira coluna consta o processo de gramaticalização da palavra:

Quadro 1 – Produtividade da gramaticalização

Registro	Classe de origem	Gramaticalização
“Fala <u>tipo</u> maritaca.”	Substantivo	conjunção comparativa
“Fala <u>feito</u> maritaca.”	Particípio	conjunção comparativa
“Fala <u>alto</u> com a mãe.”	Adjetivo	advérbio de modo
“Fala <u>de boa</u> com os pais.”	sintagma de base adjetival	advérbio de modo

Neste trabalho, dá-se especial atenção aos processos de gramaticalização¹ de conjunções adverbiais, pelo fato de que esse tipo de processo interessa aos funcionalistas pelas seguintes razões: são processos que guarnecem a estrutura oracional, conferindo-lhe articulação; são processos complexos que mexem com o posicionamento das orações complexas, de modo a oferecer-lhes valores sintático-semânticos.

¹ Raposo *et al.* (2013, p. 249-92) mencionam os processos “reanálise” e “recategorização” como afins ao processo da gramaticalização. Embora essa abordagem seja relevante para o tratamento da mudança entre classes gramaticais, ela não será tratada neste trabalho, cujo enfoque dá-se basicamente na abordagem da gramaticalização de conjunções subordinativas adverbiais.

3. *Produtividade dos processos de gramaticalização de conjunções*

As lições contemporâneas dos funcionalistas têm demonstrado o quão improdutivas são as tentativas de aprisionamento, em tabelas ou em esquemas, das conjunções (sejam elas coordenadas ou subordinadas). Ilari (2015, p. 324) atesta: “É sabida a dificuldade de distinguir de maneira estanque as noções que seriam recobertas pelas várias classes de conjunções subordinativas, noções que frequentemente se imbricam entre si”.

De posse dessa concepção da variabilidade dos usos conjuntivos, os linguistas funcionalistas têm tratado as conjunções a partir de um *continuum* que se revela especificamente no processo de articulação de orações, o que de fato põe em xeque a natureza oracional – coordenada ou subordinada – dos itens oracionais em conexão.

Analisem-se os exemplos (3) e (4):

(3) Os alunos chegaram à escola, mas não tiveram aulas.

(4) Embora os alunos tenham chegado à escola, não tiveram aulas.

A tradição gramatical chama as orações articuladas em (3) de coordenadas e, distintamente, atribui às orações de (4) um processo de subordinação sintática. Os pares oracionais são tratados, portanto, como sendo de naturezas sintáticas distintas, mas, ao mesmo tempo, são tratados como semanticamente intercambiáveis: as orações iniciadas por “mas” e por “embora” revelam traços opositivos significativos para todo o restante do período.

Rosário (2015) assim pontua os processos de articulação de orações:

Segundo Heine *et al.* (1991), tanto a coordenação quanto a subordinação gramaticais teriam se desenvolvido a partir de estruturas discursivas que se convencionalizaram. Por isso, a combinação de orações pode ser interpretada como uma gramaticalização da organização retórica do discurso (...). (ROSÁRIO, 2015, p. 45)

Portanto, o entendimento do papel das conjunções para o processo de conexão oracional deve/precisa ser visto como de suma relevância para a “organização retórica do discurso”. Nesse sentido, a classe das conjunções passa a ser potencialmente vista como uma classe de itens que cumprem um continuum, de modo que os valores lógico-discursivos prototípicos da classe passem a veicular noções semânticas variadas, a depender de sua incidência na articulação oracional.

No Brasil², muitos estudiosos têm se dedicado ao estudo dos processos de gramaticalização de conjunções. Os estudos, de filiação claramente funcional, têm demonstrado operações cognitivas relevantes para o entendimento de que os conectores, embora não sejam tão numerosos na língua, passam por mudanças mapeadas justamente nos usos linguísticos (sejam de natureza oral sejam de natureza escrita).

Os exemplos de (5) a (7) revelam, com nitidez, a mudança de valores sintático-semânticos circunscritos ao uso de uma determinada conjunção subordinativa adverbial – o conector “como”:

(5) As crianças brincam como canibais.

(6) Como não houve aula, ficarei em casa.

(7) Como disse o delegado, ela não é culpada.

Uma breve análise dos períodos aponta significados distintos para o “como”, em cada um dos “cenários” em que figura: no período de (5), o conector “como” assume o traço semântico comparativo (veja-se a comparação entre “crianças e “canibais”); em (6), o conector “como” assume o traço da causalidade (veja-se que esse traço pode ser parafraseado: “já que não houve aula”); e, finalmente, em (7) o conector nitidamente marca o papel de índice conformativo (veja-se que o “como” é um item que opera a alusão ao discurso de outrem – “o delegado”).

Sobre esse fenômeno, assim menciona Casseb-Galvão (2007):

As pesquisas sobre gramaticalização de conjunções (Traugott, 1982; Traugott & König, 1991) têm contribuído, sobretudo, para a ampliação das maneiras de reconstruir a mudança semântica. Há um consenso de que as alterações no significado são conduzidas por dois mecanismos complementares. Um deles é a metáfora, de natureza cognitiva, que consiste na projeção, em passos discretos, de significados de um domínio cognitivo mais concreto para um mais abstrato, e o outro é a metonímia, de natureza pragmática, que consiste na transição gradual e contínua de um significado a outro, por meio da reinterpretação contextual. (CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 93)

Além desses traços de natureza cognitiva, pode-se, ainda, observar que outros mecanismos agem sobre o gradativo processo de gramati-

² Vale mencionar o tratamento que os integrantes do Grupo Discurso e Gramática – sediados na UFF e na UFRJ – têm dados ao processo de gramaticalização de conjunções. Para esses pesquisadores, em linhas gerais, a gramaticalização mobiliza e põe em interface domínios como: variação, mudança, usos, cognição, discursividade e frequência.

calização de conjunções subordinativas adverbiais. O caso de “como” é, no mínimo, particular: o exemplo “(6) Como não houve aula, ficarei em casa” aponta dois caminhos de gramaticalização do conector – a oração que o contém só pode assumir posição de tópico, uma vez que perderia o valor causal se mudasse de posição, levando a um período truncado; em comparação com outros conectores causais (“já que”, “uma vez que”, “porque” etc.), deve encabeçar a oração que inicia o período, sem possibilidade de permutar orações.

O estudo desse tipo de processo aponta rumos, no mínimo, promissores, a saber: a) as conjunções subordinadas adverbiais, pelo seu caráter prototípico de assunção de valores semânticos pela via da gramaticalização, são produtivas em contextos discursivos variados; b) as conjunções subordinadas adverbiais podem tomar a forma de locuções conjuntivas, num tipo de processamento gradativo na língua, o que revela uma capacidade de mobilização de outras classes gramaticais para veiculação de sentidos localizados apenas no interior de determinados grupos de orações, pela via da conexão.

A seguir, sugere-se uma análise mais detida das conjunções adverbiais mapeadas no interior de períodos compostos por subordinação de campanhas publicitárias. Como se verá, o território da publicidade constitui um território produtivo para a gramaticalização desse tipo de conector. Os dados apontam usos reveladores de novas “roupagens” adquiridas pelas conjunções de natureza adverbial no seio de construções carregadas de intencionalidade em relação ao público leitor e carregadas de expressividade, uma vez que mobilizam recursos estilísticos responsáveis, portanto, pela veiculação e materialização de dados semânticos portados pelos conectores.

4. Produtividade da gramaticalização de conjunções em textos publicitários

A seguir são analisados cinco textos publicitários: um veiculado pelo Ministério da Saúde e 4 propagandas de produtos variados. Esses textos foram escolhidos para figurar como *corpora* no tratamento da gramaticalização de conjunções adverbiais pelas seguintes razões: são multimodais, o que significa dizer que análises de itens verbais e não-verbais são produtivas neles; portam conteúdos linguísticos que direcionam o olhar investigativo a respeito da gramaticalização de conectores.

Para operar uma análise produtiva, os cinco textos serão cotejados nos seguintes eixos: a) eixo da condição e da causa, b) eixo da comparação e c) eixo da consecutividade.

a) eixo da condição e da causa

Analisemos os textos I e II abaixo:

Texto I:



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=campanhas+do+Hortifruti>. Acesso: 21/11/16.

Texto II:



Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/dengue>. Acesso: 08/06/16.

O texto I é uma criativa propaganda sobre tomate, o texto II é uma campanha divulgada pelo Ministério da Saúde a respeito da proliferação do mosquito transmissor da Dengue e de outras doenças. Ambos estruturaram suas mensagens (venda e conscientização) por meio de períodos iniciados pelo conector “se”.

No texto I, que se vale de uma paráfrase cinematográfica (jogo entre “Tropa de Elite” e “Horta de Elite”), o período “Se não for Hortifruti, pede pra sair” tem muitos materiais linguísticos promissores, a saber: a própria oração principal (“pede pra sair”) revela a apropriação da famosa

frase dita pelo protagonista do filme “Tropa de Elite”, o Capitão Nascimento; a oração subordinada adverbial condicional é estruturada para ancorar o conteúdo semântico da hipótese.

A segmentação oracional de “se não for Hortifruti” implica a assunção do conteúdo semântico da condição na conjunção “se”. Mas esse conteúdo é construído por meio do todo oracional: a própria seleção do verbo “for”, no futuro do subjuntivo, cria e instaura um conteúdo semântico hipotético para todo o período, já que este assume a estruturação da condição–consequência. Aqui a conjunção é prototipicamente de base condicional.

No texto II, o período “Se o mosquito da Dengue pode matar, ele não pode nascer” revela a moldura da causa–consequência de membros oracionais. Nesse caso, a conjunção “se” revela o seu potencial de encaixador de estrutura oracional ancorada na causalidade (vejam-se as paráfrases: “já que o mosquito da Dengue pode matar”, “uma vez que o mosquito da Dengue pode matar” etc.).

Casos como este do texto II, apontam uma peculiaridade do processo de gramaticalização de conjunções: um conector pode tornar-se mais gramatical, na medida em que assume outros traços semânticos menos prototípicos. A conjunção “se” no texto I é prototípica (tem valor condicional), mas se torna mais gramaticalizada no texto II (tem valor causal).

Contribuem, portanto, para esse processo gradativo da gramaticalização – uma classe torna-se mais gramaticalizada – os componentes morfossintáticos da segmentação dos períodos. Dessa forma, não é aleatória a escolha dos tempos verbais nos períodos analisados: veja a forma do verbo no texto I – verbo “for” – veja a forma locucional no texto II – “pode matar”, já que ambos trazem conteúdos, sem dúvida, hipotéticos, mas figuram em tempos verbais distintos (futuro do subjuntivo e presente do indicativo).

Investigações mais recentes pontuam que o processo de gramaticalização precisa ultrapassar a fronteira categorial para avançar em relação à fronteira morfossintática. Nesse sentido, é por meio da sequenciação morfossintática (relação de itens) que se pode pressupor mecanismos gradativos de gramaticalização, na medida em que se mostram produtivos no eixo sintagmático.

O conector “se” tem se mostrado bastante produtivo no que tange aos estudos de base funcional. Ao lado do conector “que”, tem revelado potencialidades significativas no território da gramaticalização pela via da conexão de orações, uma vez que adota graus variados de ressemantização.

b) eixo da comparação

Tomem-se, como exemplos, os textos III e IV:

Texto III:



Disponível em: <https://www.google.com/search?q=propaganda+de+creme+dental&rlz=1>. Acesso: 08/01/19.

Texto IV:



Disponível em: <https://www.google.com/search?q=AN%C3%9ANCIO+DE+CERVEJA&r>. Acesso: 08/01/19.

Os dois textos portam materiais linguísticos da comparação. O texto III, de um comercial de creme dental, compara “sorriso” e “diamante”; o texto IV, de um comercial de cerveja, compara “saber beber” e “saber o que beber”. A questão que surge é: como ambos organizam/molduram a comparação?

No texto III, a comparação é veiculada/mediada por “como”. De acordo com a gramática tradicional³, o período “Para seu sorriso brilhar como diamante” pode ser reanalisado em “Para seu sorriso brilhar como diamante brilha”, o que sugere um caso de zeugma, processo por meio do qual há cópia do verbo “brilhar” nas duas orações (a principal e a subordinada comparativa). Além dessas marcas formais, o conector “como” ancora a similaridade que há entre “sorriso”, “diamante” e o polo predicador da interseção entre ambos, o verbo “brilhar”.

O texto IV, porém, assume uma forma bastante peculiar para ancorar a comparação. O período “Saber beber é tão importante quanto saber o que beber” seria segmentado, de acordo com a gramática tradicional, em “Saber beber é tão importante / quanto saber o que beber”. No entanto, essa mesma delimitação parece inconveniente já que o período apresenta um meio peculiar de articulação pela via de conectores: há, no primeiro membro oracional, o advérbio de intensidade “tão”, e há, no segundo membro, o pronome interrogativo “quanto”. Esses itens gramaticalizaram-se e, como uma dupla conexão, organizam o material linguístico da comparação.

Casos como o de “tão... quanto” são reconhecidos na tradição gramatical como fator de subordinação e, em estudos de cunho funcionalista, como fator de correlação sintática, fenômeno este que tem mobilizado muitos estudos a respeito da comparação. De fato, pode-se equiparar o conteúdo semântico de ambas as peças publicitárias ancorado na comparação, mas parece sensato reconhecer que a “moldura” sintática de ambas é distinta, de modo que existem meios distintos de operar a conexão oracional.

Parece, ainda, muito produtiva no meio funcionalista a discussão acerca dos meios pelos quais um conteúdo semântico – no caso em xeque a comparação – pode assumir formas diferenciadas. No caso particular da correlação sintática, vale mencionar o fato de que o conector de base adverbial assume um traço não prototípico: a conexão fica diluída em ambas as orações – “tão” na primeira oração e “quanto” na segunda, o que revela um caso atípico de conexão.

³ Segundo Cunha e Cintra (2008, p. 622), “costuma-se omitir o predicado da ORAÇÃO SUBORDINADA COMPARATIVA, quando repete uma forma do verbo da oração principal”.

Essa discussão a respeito de formas e funções também interessa à agenda funcionalista. No estudo da conexão, mais especificamente no território da comparação sintático-semântica, o que se tem observado é a ocorrência de formas em disputa no português brasileiro, por intermédio da subordinação e por intermédio da correlação.

c) eixo da consecutividade

O texto abaixo veicula mais um caso de correlação sintática⁴:

Texto V



Disponível em: https://www.google.com/search?rlz=1C1CAFA_enBR657BR657&biw=135. Acesso: 08/01/19.

No texto V, cujo conteúdo basicamente trata da divulgação de um serviço (emissão de um cartão), o par correlato “tanto... que” veicula estruturalmente o conteúdo semântico da consecutividade. Há no primeiro membro oracional a ocorrência do advérbio de intensidade “tanto”; há no segundo membro oracional a ocorrência da conjunção “que”, uma das conjunções que mais “sofre” o processo de gramaticalização morfossintática.

Mais uma vez, a conexão oracional foi intermediada por duas partículas que se separaram no processo articulatório do período. Esse tipo de comportamento, mais uma vez, corrobora o fato de que, embora as conjunções estejam categorizadas numa classe de palavras “fechadas”, elas têm um potencial de reestruturação sintático-semântica emergente no português.

⁴ Rosário (2018, p. 31) menciona que há autores que defendem a posição de que a correlação é um estatuto sintático à parte e há autores que acreditam na diluição desse processo sintático no seio da coordenação e da subordinação.

A nosso ver, pares correlatos, como o de “tanto...que”, são a prova de que a gramaticalização de conjunções adverbiais pode ser investigada tanto no recorte diacrônico quanto no recorte sincrônico. Em ambos os estudos, são os registros, escrito ou falado, o parâmetro para se observar esse tipo de mudança no uso que se faz da língua.

Está no quadro abaixo uma breve síntese das peculiaridades da gramaticalização dos conectores mapeados nos textos publicitários acima:

Quadro 2 – Gramaticalização de conjunções adverbiais.

Registro	Classe de origem	Gramaticalização
TEXTO I	“se” – conjunção condicional	Prototípica
TEXTO II	“se” – conjunção condicional	“se” – conjunção causal
TEXTO III	“como” – conjunção comparativa	Prototípica
TEXTO IV	“tão... quanto” – advérbio de intensidade + pronome interrogativo	“tão... quanto” – par correlato comparativo
TEXTO V	“tanto... que” – advérbio de intensidade + conjunção	“tanto... que” – par correlato consecutivo

5. Considerações finais

A proposição de um trabalho desta natureza, que revisita a conexão oracional pelo viés funcional de tratamento da linguagem, ratifica e endossa a agenda dos estudos gramaticais pautados e centrados nos usos. Essa agenda:

A) vê na gramaticalização de conjunções um percurso produtivo para se falar em mudança e variação linguísticas. Ainda que se dê de modo gradativo, a gramaticalização aponta a diluição de fronteiras rígidas entre as classes de palavras, de modo que a noção de “migração” de categorias atende a princípios estruturais e funcionais;

B) compreende que as conjunções de base adverbial seguem um rumo significativo (senão em tempo real) de assunção de novos valores sintático-semânticos nos usos reais da língua, o que sugere que se trata de uma categoria gramatical com potencial de recategorização aparente, tornando-se, em casos muito específicos, mais gramaticais;

C) entende que a gramaticalização precisa ser ancorada em usos reais e, por isso, vê na análise da concretude/materialização dos gêneros textuais um caminho proveitoso para incursões nos domínios morfossintáticos. Nesse sentido, os textos publicitários portam materializações de conjun-

ções adverbiais que claramente atendem a parâmetros dinâmicos e, portanto, funcionais;

D) não negligencia os estudos pioneiros da gramática tradicional, uma vez que parte da contribuição deles para, com segurança, inserir a visão dos usos como de grande valia para a compreensão e descrição das categorias da língua. Trata-se de uma abordagem que vê com outros olhos o binômio forma e função.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina *et al.* Gramaticalização de conjunções. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina *et al.* *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

CEZARIO, Maria Maura *et al.* Trajetórias : Mário Martelotta e os estudos em gramaticalização. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (Org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

CEZARIO, Maria Maura *et al.* Pressupostos teóricos fundamentais. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

ILARI, Rodolfo. As conjunções. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, V. IV: palavras de classe fechada. São Paulo: Contexto, 2015.

LOPES, Célia Regina (Org.). *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* *Gramática do português*, V. I. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Niterói: Eduff, 2018.